

# A MAGIA DO AMULETO



TERESA CRISTINA BRANDÃO VERAS  
MÁRCIA DE CÁSSIA FIGUEIREDO CARDOSO

A MAGIA DO AMULETO

Copyright © 2008 by Editora Baraúna SE Ltda

CONSELHO EDITORIAL

Arthur Werner Menko, Antonio Paraguassú Lopes, Maurício R. B. Paraguassú,  
Rodrigo R. B. Paraguassú e Zeca Martins

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Guilherme Xavier

CAPA

Guilherme Weffort Rodolfo

SNEL Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil

---

V584m

Veras, Teresa Cristina Brandão

A magia do amuleto / Teresa Cristina Brandão Veras, Márcia de Cássia  
Figueiredo Cardoso. - São Paulo : Baraúna, 2008.

ISBN 978-85-60832-17-0

1. Romance brasileiro. I. Cardoso, Márcia de Cássia Figueiredo. II. Título.

08-3427.

CDD: 869.93

CDU: 821.1343.(81)-3

---

12.08.08

14.08.08

008177

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA BARAÚNA  
[www.editorabarauna.com.br](http://www.editorabarauna.com.br)

Rua João Cachoeira, 632, cj.11

CEP 04535-002 Itaim Bibi São Paulo SP

Tel.: 11 3167.4261

[www.editorabarauna.com.br](http://www.editorabarauna.com.br)

Agradecemos às forças do Universo que  
conspiraram a nosso favor, quando nos fizeram  
acreditar na magia dessa idéia.



## Introdução

Entre as inúmeras lendas que cercam a Amazônia de magia e mistério, há uma que conta a história de tribos constituídas exclusivamente por mulheres. A formação dessas tribos esteve ligada à exploração e humilhação que as mulheres sofriam junto aos homens com quem viviam. Corajosamente, elas fugiram e se organizaram em grupos.

Ficaram conhecidas como Icamiabas - mulheres sem marido - e passaram a ser respeitadas por sua capacidade de sobrevivência. Escolhiam, para a perpetuação da tribo, guerreiros indígenas fortes e corajosos, ou homens brancos capturados nas lutas travadas. Durante o ritual de procriação, eles eram presenteados com pequenos objetos, feitos com o barro verde retirado do fundo da Lagoa Sagrada - os muiraquitãs. Com o passar do tempo, esses amuletos foram encontrados por naturalistas e arqueólogos em vários pontos da Amazônia. Atualmente,

a maioria se encontra exposta em museus do exterior ou em coleções particulares.

Em 1541, uma expedição espanhola comandada por Francisco de Orellana percorreu o Rio Grande (conhecido como Mar Dulce), desde os Andes até a foz, no oceano Atlântico, em busca de ouro e prata. Durante a travessia, houve um confronto com várias guerreiras na foz do rio Nhamundá (divisa entre os estados do Amazonas e Pará). Este confronto foi relatado em diário de bordo por Frei Gaspar de Carvajal, que as descreveu como “mulheres altas, belas, fortes, de longos cabelos, que andavam completamente despidas, com arcos e flechas, guerreando como dez índios”. Elas foram associadas às guerreiras da mitologia grega, e o rio foi batizado como “Rio de las Amazonas”.

E aos poucos a Amazônia revelou-se ao mundo, despertando nos povos conquistadores o interesse pelos seus mistérios e suas riquezas. Mas a exploração que se seguiu deixou um rastro de degradação e morte na imensa floresta.

Nossa história se inicia com essa busca desenfreada por riquezas, e o encontro inevitável com a magia do lugar...

**CRISTINA BRANDÃO E MÁRCIA FIGUEIREDO**

## Prólogo

Anavilhanas - 1637

Seus longos cabelos negros cintilavam sob o imponente co-car adornado com pedras e penas amarelas, e desenhavam sua silhueta ao repousarem suavemente sobre suas costas. Através de seus olhos, verdes como o círculo de jade que pendia em seu colo, podia-se quase tocar a tristeza que lhe ia na alma. Yana proferia sábias palavras, mas seus lábios não conheciam mais a doce expressão de um sorriso:

*Deuses que zelam por nosso povo*

*Protejam mais um ritual da fertilidade*

*Deixem brotar a semente que será resguardada no ventre  
de cada mulher guerreira*

*Povoem nossa aldeia com novas vidas repletas de luz*

*E façam com que essa luz nos guie pelo caminho da paz*

Ela havia se tornado a guia espiritual de sua aldeia, e zelava por cada mulher com a força que absorvia da Mãe Terra. Seus poderes místicos se fortaleciam a cada sol, e a luz da lua os abria para o mundo. Sua sabedoria amadurecera com o decorrer do tempo, e em cada gesto deixava fluir a bondade de seu coração. Mas o ritual da fertilidade continuava despertando dolorosas lembranças, e uma lágrima silenciosa rolou, traçando em seu rosto as marcas do sofrimento. Enquanto observava o desenrolar da cerimônia, sua face se transfigurava. Naquele momento, o peso do passado era insustentável.

Percebendo a sutil mudança na fisionomia da filha, Caia aproximou-se.

-Yana, você está pálida, o que está havendo?

-Há angustia em meu peito. - Respirando fundo, ela busca equilibrar seu espírito.

-Isso vai passar. Mantenha-se firme, pois necessitamos de suas preces para que nossas guerreiras possam gerar filhas saudáveis.

Incapaz de aceitar as palavras da mãe, Yana passou a mão pela testa e disse secamente:

-Sim, pois se gerarem filhos homens, terão que lutar contra feridas que nunca cicatrizarão.

Caia comprimiu os lábios, contrariada.

-Os costumes da tribo devem sempre prevalecer. Espero que Naya saiba valorizar nossos ensinamentos melhor que você.

Dando prosseguimento ao ritual, a chefe da aldeia encaminhou as guerreiras até os parceiros que as aguardavam perto do rio. Olhares furtivos foram trocados, e a ansiedade dificultava a respiração de todos. Mas, ao ocuparem as canoas, elas assumiriam sua verdadeira função: gerar vidas para sua tribo, perpetuando assim os seus costumes.

Depois que as jovens se foram, Yana saudou a mãe num gesto altivo, e se dirigiu ao Templo. Subindo a colina iluminada por tochas, inspirou o perfume de lírios que se espalhava pelo caminho. Apertou o passo, pois precisava muito da paz que só encontrava ali. Girando a mandala, entrou no local sagrado, percebendo que sua angústia aumentara. O coração batia acelerado, e gotas de suor frio brotavam em suas têmporas. Num gesto suave, retirou o cocar e o colocou sobre o altar. Enquanto a luz da lua prateava o interior do Templo, ajoelhou-se e se deixou enlevar pelo silêncio que a cercava. Subitamente, sentiu o intenso calor provocado pelo amuleto espalhar-se sobre seu colo mais uma vez, e Khaled tomou conta de sua mente. Seu instinto lhe dizia que ele estava em perigo, e desesperada, arrancou o cordão de seu pescoço, observando o intenso brilho. Deixou o Templo rapidamente, e em transe, correu por entre as pedras, descendo para o lago até sentir a água fria sob os pés. Abaixando-se para submergir o amuleto, aguardou o momento de magia, e viu novamente a passagem se abrir: verdes feixes de luz se azulavam, formando um arco, e intensificavam seus tons ao fundirem-se aos raios prateados do luar. Decidida, avançou por aquele caminho já conhecido, enquanto o elo de amor a conduzia até o filho.

Chegara até ele desnorçada, após o mergulho que pareceu dividir seu corpo em minúsculas partes. Khaled estava em um sono agitado, e quando ela se aproximou, percebeu que o suor encharcava suas roupas. Ele ardia em febre. Com todo o amor que existia em seu coração beijou-lhe a testa, tentando trazer para si o mal que o afligia.

- *Quién eres tú?* - Ele abriu os olhos, e um sorriso triste iluminou a face abatida.

-*Khaled, azéru'u?*- Ela também tentava sorrir, enquanto captava cada detalhe do rosto do menino.

-*Usted habla como Noa.*

Acariciando ternamente os cachos dourados, ela deixou as lágrimas correrem em seu rosto.

- *Yana.*

-*Mi madre?*- o menino se agitou, reconhecendo o nome tão amado por ele.

Ela balançou a cabeça de forma afirmativa, conseguindo se comunicar com o filho.

-*Héré Khaled... Ihé uru aihu!* - Chorando, Yana o pegou no colo, dizendo que o amava. E o envolveu num abraço protetor.

Com adoração no olhar, o menino nem piscava, temendo que a doce mulher fosse uma visão, e se dissipasse. Porém, aos poucos, seus olhos foram se fechando, e sua mão soltou a dela. Amuado pela febre, deixou-se dominar pelo cansaço.

Mentalmente, Yana pediu aos deuses que o protegessem, e colocando-o na cama, intuiu sobre a gravidade da doença que se espalhava pelo corpo da criança. Franziu o cenho, e ajoelhando-se, pôs-se a contemplá-lo melhor. Estava bem crescido, e apesar da palidez e das olheiras, notou a semelhança dele com o pai. Tirou uma mecha de cabelo da frente úmida, e ficou a sussurrar cânticos sagrados. Pouco depois, fixou o olhar no amuleto ainda preso em suas mãos, e decidiu deixá-lo com o filho. Sabia que este ato significaria nunca mais voltar a encontrá-lo, mas mesmo assim pendurou o cordão no pescoço de Khaled. Com extrema concentração, colocou todo o poder de cura de seu espírito naquele círculo de luz, derramando nele a energia de seu amor. Era necessário que a força do amuleto permanecesse ali, agindo contra o mal que acometia seu menino. Era o único meio que possuía para tentar salvá-lo.

-Meu filho, este amuleto se unirá ao seu, e Ihe dará forças para vencer o mal que se apoderou de seu corpo. Esse não é o momento de sua partida; ainda existe um longo caminho a ser percorrido. Busque a energia de nossos ancestrais que corre em seu sangue. Seu poder está em sua mente. Deixe-o fluir.

Estava exausta e debilitada, quando sentiu uma onda de energia familiar penetrar em seus sentidos. E teve certeza que ele se aproximava. Ouvia o som de sua voz rouca e olhou para trás, buscando a cortina de luz que a levaria de volta à sua aldeia. Um lampejo de dúvida a paralisou, e seu olhar fixou-se na porta: lembrou-se do gosto daquele homem que mudou toda a sua vida, e sentiu como se nunca houvesse se afastado dele. O tempo parou, e ela não sabia o que fazer. Seu corpo ansiou por ele de uma forma tão devastadora que a assustou, despertando o amor que desesperadamente tentara enterrar. Mas havia feito uma escolha, e sabia que nunca mais poderia tê-lo em sua vida. Com os olhos cheios de lágrimas, beijou Khaled rapidamente, e se deixou conduzir pela força da luz que esperava por ela.

Fora de si, Rodrigo retornava ao quarto do filho pelo amplo corredor do castelo. Noa caminhava aflita a seu lado, pensando em um meio para aliviar a dor da criança.

-Calma, Rodrigo. Deixe-me vê-lo.

-Os remédios não estão fazendo efeito contra a doença. Acho que vou buscar o médico novamente.

Ao entrarem no quarto, Rodrigo e Noa trocaram um olhar indagador. Um forte calor se irradiava pelo ambiente e o perfume de lírios pairava no ar. Ele andou em direção ao filho e colocou a mão sobre sua testa, constatando que a febre cedera. Khaled dormia profundamente. Ainda sem poder acreditar no que Ihe viera à mente, Rodrigo encostou o ouvido no peito da

criança. Ao perceber algo estranho, levantou a cabeça, e tocou nos dois amuletos que estavam ali.

-Não é possível! O que significa isso? – Incrédulo, mostrou os amuletos à Noa. - Yana esteve aqui! Assim como daquela vez, no navio. Não há dúvidas... - com os músculos tensos sob a camisa amarrotada pela noite de vigília, ele passou as mãos pelo rosto num gesto de desespero, e disse: - Ela deve estar sofrendo tanto quanto eu, se pressentiu a gravidade da doença do nosso filho.

Noa aproximou-se de Rodrigo, colocando a mão em seu ombro.

-Deixar seu amuleto aqui trará sérias conseqüências para sua vida, pois agora está sem proteção. Ela intuiu que a doença do filho era muito grave, e que só assim poderia salvá-lo. Você não imagina o que este ato significa para ela, como a guardiã da tribo...

-O que você quer dizer com isso, Noa? Seja mais clara, por favor!

Secamente, Noa expôs o seu temor:

-Sua energia irá se esvaír em cada ato de cura, e cada vez será mais difícil recuperá-la. Seu ciclo nesta vida está terminando...

Angustiado pelas palavras da amiga, Rodrigo pensou na mãe de seu filho, tão longe de seus braços, de seus olhos, de sua vida. Queria poder cuidar dela, protegê-la. Mas isso era impossível. Cabisbaixo, pediu à Noa que os deixasse a sós para que pudesse refletir sobre tudo o que acabara de acontecer. Olhou para o filho, e uma grande necessidade de abraçá-lo o invadiu. Levantando-o no colo, beijou sua testa e, inebriado, sentiu o cheiro da amada. Pegou o amuleto de Yana e o levou de encontro ao seu, enquanto a energia dela aquecia-lhe a alma.

Os primeiros raios do sol atravessavam os vidros da janela do quarto de Khaled, quando Rodrigo despertou com um cari-

nho suave em seu rosto. O sorriso alegre do filho renovou a esperança de vê-lo curado.

-Pai, chame minha mãe!

Aturdido, Rodrigo tentou encontrar as palavras para explicar ao filho o que havia acontecido.

-Ela não está aqui.

-Claro que está! Dormi em seus braços...

-Foi só um sonho bonito. - Disfarçando a tristeza, acariciou as bochechas do filho.

Mas Khaled estava descontrolado, e usava a energia que voltava a seu corpo para desafiar o pai, afastando-se dele.

-Não. Você está escondendo ela de mim... Ela me abraçou muito forte, e chorou enquanto estava comigo. Pai, ela está sofrendo muito. Ela precisa de nós. Por que ela não está aqui? Fala, pai!

Rodrigo precisava acalmar o filho. Pensativo, passou a palma da mão sobre a testa e seus olhos brilharam com as lágrimas que não queria mais derramar.

-Não sei como, mas sua mãe realmente esteve aqui. O amor que sente é tão grande que faz com que ela consiga chegar até você. - E deitando-se ao lado do filho, sorriu. - Lembra-se que prometi lhe contar a minha história com sua mãe? Acho que, enquanto se restabelece, terá bastante tempo para ouvir...



## Capítulo I

Norte do Brasil, inverno de 1633.

Nuvens escuras se fechavam sob o céu do Arquipélago de Anavilhanas. O vento do norte não era bem-vindo para as mulheres da aldeia. Saindo do interior do Templo, a velha guardiã Caiari caminhou em direção ao jardim lateral, de onde podia sentir a energia trazida pela força do ar revolto. Olhando ao redor, observou as folhas serem arrancadas do corpo das árvores, e se juntarem a tudo o que pudesse ser tragado pelo redemoinho gélido que se formara a sua frente. Um mau presságio a fez estremecer: por um momento teve a visão da escuridão se apoderando do seu povo. Adiantou-se, e, erguendo os braços e os olhos para o céu, deixou-se envolver pela corrente em espiral que comandava o cenário aterrorizador, desafiando com uma prece o poder maligno que dilacerava o seu espírito:

*Vento do norte que vibra com esperanças perdidas  
E com lágrimas derramadas por dores sofridas  
Vento que chama os espíritos de luz para a escuridão  
E traz mais sofrimento aos espíritos fracos  
Encontre o caminho de volta ao seio da Mãe Terra  
E liberte do teu poder as vidas que não te pertencem!*

Seu corpo absorveu o redemoinho, dissipando-o, e ela caiu sobre a terra, pálida e sem forças.

O rio Negro esteve agitado, devido ao mau tempo. Era época da cheia, e as águas transbordavam, ultrapassando seu leito. Com os igarapés navegáveis, o Templo tornava-se vulnerável aos invasores que conseguissem chegar ali. Alguns já haviam penetrado naquela fortaleza, mas não conseguiram superar a força e a magia das guerreiras no campo de batalha.

Mas agora o vento cessara, e uma estranha calma tomava conta do lugar. Lanai, a sentinela que estava no posto de vigília da ilha principal, percebeu estranhos se aproximando e gritou:

-*Ma'é-tê?* Amanari! Inimigos se aproximam, vejo canoas vindo para cá! São muitos...

-Reúna as guerreiras e batam o torokaná para pedir auxílio!  
- Amanari bradou ofegante, enquanto todas corriam de um lado para o outro, organizando seus tacapes e flechas para mais um combate. Seu olhar arguto buscava pelas irmãs, que já deveriam estar por perto. Acalmou-se quando percebeu a presença de Yana. - Rápido, Yana, precisamos cercar a praia e sufocar os invasores antes que avancem! Onde está Caia?

-Na arena. Logo chegará aqui. - Yana estava afrita, mas tentava demonstrar tranqüilidade, pois o treinamento que recebia da avó lhe ajudava a controlar suas emoções. - Vamos, ordene o cerco!

Caia, a chefe da aldeia, surgiu logo em seguida.

-E então? Já estamos preparadas?

-As flechas estão em posição e estávamos esperando por você. Vamos surpreendê-los no momento em que descerem das canoas.

Agitada, com os punhos cerrados, Caia praguejou:

-Malditos invasores! – dirigindo sua atenção para a sentinela, ordenou com a voz firme: - Lanai, avise-nos quando nossos vizinhos estiverem a caminho!

Pouco tempo depois, ao avistar a fila de bordunas avançando entre as folhagens, Lanai deu o sinal da chegada dos Kambeba.

Há dias explorando aquelas terras, nada de excepcional havia acontecido. As riquezas cobiçadas pelos homens que ali se aventuravam ainda estavam guardadas pela espessa cortina de árvores que margeava os rios da região. Naquele dia, a chuva fustigava o corpo dos homens que remavam, incansáveis. Enquanto o volume das águas do rio subia, as corredeiras tornavam-se mais fortes, jogando as canoas de um lado para o outro de forma desgovernada. Era impossível seguir em frente.

O capitão Hugo de Mendonza, responsável pelas embarcações, deu voz de comando:

-Luís, vamos seguir a correnteza. Não adianta lutar contra o vento, ele está muito forte!

Algum tempo depois, avistaram igarapés que talvez os levassem à terra firme, onde poderiam aguardar com segurança o fim da ventania. Protegidos por um túnel natural de vegetação, eles foram percorrendo lentamente o caminho desconhecido. O vento começara a abrandar, e seus olhos observavam atentamente a paisagem ao redor.

A sensação de terem sido tragados para um outro mundo apoderou-se deles quando uma grande clareira se abriu à sua frente, revelando a praia cercada pela vegetação nativa. Além da mata, eles podiam observar uma pequena colina rasgada por uma magnífica queda d'água. Boquiabertos, os homens entreolharam-se, maravilhados com a descoberta. O capitão comentou:

-Talvez esta linda paisagem esconda algum metal precioso... Vamos descer!

Mas a linda paisagem escondia muito mais do que metais preciosos: camuflava as guerreiras que dariam a vida para defendê-la.

Como uma revoada de aves exóticas e disciplinadas, a chuva de flechas deixou o seio da mata e rasgou o céu. Por um único momento, Hugo teve dúvidas quanto à realidade do que via. Não acreditava que aquilo fosse possível. Mas era. Atordoado, guiou os homens:

-Protejam-se! Para baixo das canoas!

As flechas atingiram a praia de forma impiedosa, ferindo mortalmente vários espanhóis que não puderam se proteger. A seqüência dos acontecimentos foi muito rápida: ouviram um grito de mulher comandando o ataque; por detrás das árvores, vários guerreiros surgiram empunhando armas, pararam e se posicionaram no centro do terreno, com olhos atentos em seus inimigos. Um pouco acima da colina, arqueiros se preparavam para mais um lançamento, enquanto outro grupo de índios formava um semicírculo para a proteção dos que pareciam comandar o ataque.

Observando melhor, os espanhóis emudeceram, sem crer no que viam: alguns guerreiros eram índios, mas as mulheres eram a maioria e dominavam o cenário. Outro grito se fez ouvir, e elas atacaram corajosamente, misturando-se aos invasores, que agora eram obrigados a se defender, utilizando espadas e arcabuzes.

A força e a habilidade com que elas conduziam suas armas eram admiráveis. Seus longos cabelos balançavam ao vento, e seus corpos se movimentavam como numa dança de morte, esquivando-se dos inimigos, hipnotizando-os, e ao mesmo tempo avançando, desferindo golpes mortais. O porte altivo demonstrava que nada temiam, pois eram guerreiras protegidas por forças ocultas. Estavam destinadas à vitória, contavam com a proteção dos deuses. Possuíam uma fúria descomunal, não se inibindo nem com o poder perfurante e devastador da pólvora. Muitas caíam, vencidas pelas armas de fogo. Mas isso não as intimidava.

Talvez tudo não passasse de uma alucinação causada pelo ardor da batalha, pensou o capitão Hugo de Mendoza. *De onde surgiram aquelas mulheres? Quem eram elas?*

Mas a batalha continuava, e o som seco das pancadas misturado aos tiros era ensurdecedor. Muitos corpos jaziam na areia pálida, agora banhada nos tons frios da morte. A carnificina chegara a um ponto extremo, e a jovem Yana sentia uma opressão em seu peito, pois as mortes violentas maculavam a pureza da sua terra. Gritou pela irmã, precisava agir com rapidez.

-Amanari, proteja-me...

Abaixando-se, pegou um punhado de areia. Elevando os braços para o céu, implorou o mais alto que pôde:

*-Deuses, eu suplico, cubram os inimigos com teu manto de paz e os afastem da nossa aldeia.*

Uma névoa branca espalhou-se no ar, e ela sentiu os finos grãos de areia que estavam em suas mãos serem levados pelo suave vento que ainda soprava. Logo empunhou seu tacape com firmeza, e voltou à luta.

Como em resposta à sua prece, as nuvens densas e negras se abriram, e raios de sol surgiram por entre elas, iluminando as

guerreiras. Uma luz verde intensa reluziu em seus colos, confundindo a visão do inimigo.

Erguendo a espada para mais um golpe, o capitão espanhol lassombrou-se com a luz ofuscante que brotava do colo das mulheres. Sem afastar os olhos, deixou a espada cair ao solo. Com o rosto coberto pelo braço, tentou proteger-se da magia do momento. De onde vinha tanta luz? Que poder era esse que os paralisava? Sentindo a derrota iminente, ordenou que seus homens recuassem. Durante a retirada, tropeçou no corpo de um índio ferido e o arrastou até a canoa, levando-o com eles.

Do alto da colina, Caia certificou-se da retirada do inimigo, e com a expressão aliviada, declarou:

-A batalha terminou. Cuidem dos feridos e queimem os mortos.

Por vários minutos, as mulheres permaneceram estáticas, cada uma à espera de que a outra desse o primeiro passo. A paz mórbida que descera sobre o campo de batalha pesava em seus corações, mas a vida na aldeia deveria seguir seu caminho, triunfando sobre a morte.

## Capítulo II

As águas do Rio Grande agora estavam plácidas, e os conduziriam rapidamente ao seu destino. Entretanto, o clima de desolação entre os homens a bordo era incomensurável. A cena que se desenhava ao redor do capitão Hugo de Mendonza era inacreditável, e sua figura alta e imponente dobrava-se de dor na pequena embarcação. Uma mancha de sangue marcava seu ombro esquerdo, e foi preciso imobilizar o braço em uma tipóia improvisada. Seus olhos negros não conseguiam ocultar a decepção decorrente do fracasso. Como puderam ser derrotados de forma tão humilhante?

-Vamos, homens, precisamos nos apressar para chegar logo a São José. Não se deixem fraquejar!

Observando os rostos abatidos, deteve-se sobre o índio capturado. Controlando a revolta, começou a falar na língua geral do lugar.

-Vou arrancar de você tudo o que sabe. Pode me entender?

Encolhido em um canto da canoa, com uma faixa enrolada sobre o ferimento da cabeça, o índio tinha os pés e mãos atados por grossas cordas, a cortar-lhe a pele. Sua voz era um murmúrio.

-Sim.

O capitão fitou o horizonte, tentando não pensar no que viria pela frente. Certamente, Rodrigo de León haveria de exigir uma justificativa aceitável para tal desfecho.

Quase três dias depois, avistaram a grande embarcação ancorada em frente à praia da aldeia de São José, que havia sido fundada para servir de apoio a viagens mais longas através do Rio Amazonas. Ao chegarem próximo ao navio, os homens que estavam a bordo lançaram escadas e cordas para içar as canoas que retornavam. A exaustão estampada na fisionomia de cada homem refletia a experiência mal sucedida nas águas misteriosas daquele rio. A situação que se apresentava no convés era inesperada: homens feridos por flechas e golpes profundos; muito sangue e desolação.

-Por Dios, o que significa isso?— Lá do alto, uma voz firme quebrou o pesado silêncio que se abatera sobre todos.

O capitão espanhol Rodrigo de León era um fidalgo em quem o rei Felipe IV depositava a maior confiança, e sua missão era ratificar o domínio do território para a Coroa Ibérica Unificada, visto que holandeses, franceses e outros povos estavam se apropriando das riquezas dessa terra. Fora indicado para garantir o êxito da missão, e não conseguia entender o que havia ocorrido, pois mandara seus homens apenas para o reconhecimento do território. E em sua curta e vitoriosa carreira comandando os soldados do rei, nunca conhecera semelhante derrota. Furioso, trazia em seus olhos verdes um brilho ameaçador. Os culpados teriam que ser punidos, pois apesar do respeito con-

quistado por ser um homem justo e honrado, não admitia a derrota. Como aceitá-la se esses homens haviam sido treinados com os melhores da Espanha? Sua voz retumbou como um trovão:

-Quem vocês enfrentaram, o próprio demônio?

Mendonza olhou para o amigo e falou asperamente:

-Abrande sua ira, pois você não sabe o que se passou. Escute antes de fazer seu julgamento.

-Você pensa que com uma simples explicação vai resolver o problema?

-Vamos até sua cabine, onde o colocarei a par dos fatos. Por enquanto, providencie cuidados médicos e alimentação para seus comandados.

-Muito bem, farei com que Juan assuma o controle da situação - ele olhou ao redor e gritou: - Juan! Juan! Diabos, onde ele se meteu? - Impaciente, o capitão andava de um lado para o outro, buscando pelo imediato.

Juan apareceu ofegante, esbravejando:

-Calma, capitão, não consigo trabalhar por dez homens. Estava ajudando a tirar as canoas do rio. Você não faz idéia de como eles chegaram.

-Claro que sei como eles chegaram! Só não sei o que eles enfrentaram no meio daquela floresta. Ajude a cuidar dos feridos e mande servir comida para todos. Estarei lá dentro com Hugo, e não quero ser interrompido.

Eles saíram do convés e se dirigiram para a cabine do capitão, no andar de baixo. Era ali que eles estudavam os mapas, e traçavam os planos e estratégias de suas viagens. Sentando-se atrás da mesa de carvalho, Rodrigo fez um gesto para que Hugo relatasse os fatos. Conforme ouvia, sua expressão foi se contraindo. Demonstrando o que se passava em sua mente, os punhos cerrados bateram fortemente sobre a mesa.

-É impossível acreditar que nossos homens tenham sido vencidos por um grupo de mulheres e índios selvagens. Não entendo o que aconteceu. Você está delirando!

Irritado com a descrença do amigo, Hugo ainda tentou argumentar:

-Por acaso não viu o índio que trouxemos como prisioneiro? Quando interrogá-lo, vou comprovar tudo o que foi dito até o momento. Podemos também obter informações detalhadas a respeito dos nossos inimigos. Precisamos saber o que mulheres guerreiras fazem no meio daquela floresta! Elas não parecem índias, parecem as Amazonas de Orellana...

-Amazonas? Continuo achando que você enlouqueceu...

-Veremos se estou louco! Venha, vamos falar com o prisioneiro.

Os passos pesados ecoaram pelo convés. Abaixado, o índio levantou os olhos ao perceber as sombras se aproximando.

Puxando um banco de três pés que estava virado no canto, Hugo sentou-se e encarou os olhos aflitos à sua frente. Com cuidado, afrouxou as cordas que lhe torturavam e começou a conversar com o prisioneiro.

-Como se chama?

Ainda um pouco desorientado, o índio reconheceu o capitão que o trouxera.

-Acauã.

-Muito bem. Acauã, precisamos que responda a algumas perguntas. Só se cooperar terá de volta sua liberdade. E pode começar explicando por que fomos atacados daquela maneira.

-Sempre que as águas trazem o homem branco, a morte cai sobre elas.

-Mas, quem são elas?

Sentindo a ameaça que pairava sobre si, o índio respondeu de forma evasiva.

-São guerreiras que lutam para proteger seu território.

-Elas não são parecidas com os indígenas que conhecemos...

-Elas são diferentes das nossas mulheres, pois o sangue de guerreiros invasores misturou-se ao delas. A Mãe Terra as protege há muitas luas, e nenhum homem consegue domá-las.

-E por que elas lutavam junto aos homens da sua tribo?

-Na tribo delas não há homens. Só elas podem proteger o Templo...

-Templo? Que Templo é esse? - Hugo estava exasperado, e elevou o tom de voz. Acauã encolheu-se, continuando vagarosamente seu relato.

-O Templo é o lugar onde elas homenageiam os deuses, e guardam os tesouros de seu povo.

Surpreso diante de tal informação, o espanhol uniu as sobrancelhas e olhou para Rodrigo. Levantando-se em seguida, sinalizou com a cabeça para que ele prosseguisse o interrogatório. O capitão se aproximou e ocupou o lugar do amigo, arrastando o banco para postar-se ao lado do amedrontado índio.

-Queremos que nos leve até o lugar onde elas guardam seu tesouro.

-Naani! Elas me matariam.

-Entenda, sua única opção agora é nos ajudar, pois é nosso prisioneiro.

-Mas, se eu guiar seus homens até lá, meu povo não me aceitará de volta...

Balançando a cabeça mediante a relutância do indígena em ajudá-los, Rodrigo foi até a cabine e pegou uma caixa de prata, enchendo-a com jóias que estavam guardadas em um baú. Levou-a para o convés, mostrando-a ao prisioneiro.

-Isso é o suficiente para nos levar até lá, não acha?

Acauã ainda pensou em negar-se a ajudá-los, mas não teria como se livrar da tortura e da morte. E diante da tentadora visão, concordou com o inevitável.

-Não pensem que será fácil chegar até o Templo.

-E por que você diz isso?- Rodrigo estava curioso com o desenrolar da conversa.

-Porque elas protegem aquele lugar com a própria vida.

-Toda proteção pode ser destruída... - Um sorriso irônico bailou em seus lábios enquanto percebia a singularidade da situação. *Um tesouro protegido por mulheres...* - Elas vivem perto do local do ataque?

O índio concordou com a cabeça.

-E por que os guerreiros da sua tribo estavam lutando ao lado delas?

-Nossas tribos são aliadas e trocamos favores.

-Que tipo de favores?

-Ajudamos em batalhas, participamos do seu ritual de fertilidade, ou então oferecemos nossos prisioneiros para gerarem novas vidas. Recebemos em troca presentes brilhantes, como esses que você me deu.

Rodrigo sentiu que precisavam invadir logo aquele Templo, pois a cada momento aumentava a certeza da existência de metais preciosos nas terras que encontraram.

-Quando pode nos levar até lá?

Desconfortável por trair as aliadas de seu povo, Acauã cobriu o rosto com as mãos.

-Daqui a três luas as águas subirão e poderemos chegar à aldeia pelos igarapés. Mas temos que ter muito cuidado, pois existem animais perigosos neste caminho pelo rio. Eles comem gente, mas protegem as guerreiras.

Ainda insatisfeito com o pouco que descobrira sobre suas inimigas, Rodrigo indagou enfurecido:

-Que diabos de mulheres são essas que os animais selvagens não atacam e que lutam como homens? Que poder é esse que elas possuem?

-É a Magia.

-Por Dios, como posso acreditar que algo assim as torne tão poderosas a ponto de nos derrotar? Não acredito nisso. Acredito na estratégia de luta, na força e na habilidade dos meus soldados! - Ele franziu o cenho, quando uma idéia lhe veio à mente.

- Em que época ocorrerá esse ritual sagrado?

-Daqui a cinco luas, quando o ciclo da vida na floresta se renovará.

Rodrigo esboçou um sorriso. Talvez houvesse encontrado o ponto frágil daquela tribo invulnerável. Sim, esse seria o meio para invadir o Templo... Ele buscou o olhar de Hugo, que acompanhava a conversa, e comunicou:

-Nessa época participaremos do ritual como prisioneiros da tribo de Acauã. Será o momento da nossa invasão.

-E como conseguiremos isso? - exclamou Hugo, desconfiado.

Acauã balançou a cabeça em negativa.

-O cacique Ubiratã é um grande guerreiro, e fiel às tribos aliadas... Ele os matará assim que souber que invadiram sua terra.

Não se convencendo, Rodrigo insistiu:

-Deve haver um jeito. Você não conhece ninguém em sua tribo que nos ajude em troca do ouro que existe lá?

-Talvez Rudá. Ele é filho do chefe, mas é ambicioso, e está revoltado porque o pai não confia nele para substituí-lo. Ele quer abandonar nosso povo, e precisa de ouro para isso.

-Então pode ser feito. Você guiará a mim e alguns homens até um local próximo à sua tribo e esperaremos seu retorno

com Rudá. Oferecerei parte do ouro que tiramos do Templo para vocês. Só terão que nos apresentar ao cacique como seus prisioneiros.

Hugo interrompeu Rodrigo, usando sua língua natal.

-Não acho seguro. Ainda não podemos confiar neles. Ficaremos desarmados, em mãos inimigas... Poderá ser o nosso fim!

-Contaremos com a sua ambição, afinal devem querer o ouro tanto quanto nós. E o risco será calculado, pois alguns dos nossos homens estarão na tribo comigo, mas mandarei avisar aos que ficarem em São José quando for a hora de atacar. Quando as guerreiras forem escolher os homens para o ritual, o cacique nos apresentará como prisioneiros do seu filho - e acrescentou, zombeteiro: - aposto uma garrafa de rum como serei o primeiro escolhido...

-Que autoconfiança é essa, amigo? Está pensando que vai tirar alguma dama para bailar La seguidilla nos salões de Madrid? - Os dois riram... - Você vai é se embrenhar na floresta, correndo o risco de ser devorado por algum bicho. Além do que, se aquelas mulheres lutam com tanta garra, imagina o que você vai ter que fazer para agradá-las neste ritual. Pensando bem, eu nem quero ser escolhido. Prefiro me enroscar com alguma índia da tribo de Acauã...

-Tudo bem, mas aquele rum vai ser meu!

Novamente, a expressão de Hugo tornou-se séria, e voltou a falar na língua geral com Rodrigo, para que o índio entendesse.

-Pelo que Acauã disse, o período entre a preparação e o ritual deve ser de mais ou menos duas semanas...

-Então, quando faltar uma semana para o ritual, três homens irão a São José buscar os outros. Eles deverão tomar o Templo enquanto estivermos no ritual, contando com a ajuda

dos nossos aliados, que matarão as sentinelas e quem se colocar em nosso caminho. As outras mulheres estarão envolvidas com a celebração, e nossos homens se aproveitarão disso. Os que estiverem no ritual deverão estar preparados para o ataque ao retornarem e, em questão de minutos, todas estarão mortas.

Ouvindo tudo atentamente, Acauã percebeu que o plano poderia dar certo, e ficou triste pelas guerreiras. Mas já que havia se envolvido, iria até o fim.

-Capitão, vocês devem ter cuidado se quiserem permanecer acordados, pois durante o ritual elas dão aos homens uma bebida que leva seus espíritos para outro lugar. Não tomem essa bebida.

-Não tomaremos. Foi bom nos alertar.

Um arrepiou percorreu as costas de Rodrigo, e instintivamente ele apertou a pedra do seu cordão.

Reconhecendo o gesto de Rodrigo, Mendonza comentou:

-Sempre que você leva a mão à essa pedra é como se sentisse tempos difíceis. Eu estive lá, sei que elas não se entregarão facilmente. Talvez seja melhor abandonarmos essa idéia...

-São apenas mulheres, Hugo, e por mais que sejam guerreiras, serão pegas de surpresa. Além disso, contaremos com muitos homens bem armados, e com os índios que estiverem do nosso lado. Que diabos, você nunca agiu assim, é só mais uma invasão!

-Acho que no fundo, Rodrigo, você concorda comigo. Ou não estaria buscando a proteção de seu amuleto.

Girando sobre os calcanhares, Rodrigo de León dirigiu-se a passos largos para sua cabine. Enquanto andava, pensou na verdade implícita nas palavras do amigo, pois algo naquela história o incomodava de uma forma angustiante. Sem se dar conta, tirou o cordão do pescoço, fitando-o fixamente. Sua fisionomia se fechou, e seus pensamentos o levaram até seu pai. Lembrou-se de quando ele dizia que nunca tirasse a pedra de

perto do seu peito, pois era a única lembrança de sua mãe, que havia morrido quando ele nasceu. Era um amuleto que lhe traria proteção ao longo da vida... Não que ele o usasse pensando nisso, mas era um meio de ter a mãe que nunca conhecera perto de si. Agradecia a seu pai por todo o carinho que lhe dera e pela coragem que herdou, mas agora estava só no mundo, e cheio de lembranças tristes. Segurou a pedra em forma de sol em suas mãos. Parecia feita de jade. Seus olhos verdes se encheram de lágrimas, mas ele passou as mãos sobre elas, afastando o mar de tristeza que invadia sua alma.